

## Opera

## A equilibrada e vistosa "Lakmé"

ALBERTO RICARDI

Apesar da sua aparência "démodée", a ópera "Lakmé" apresentada anteontem é obra dum audacioso e dum precursor. Ela apresenta cores exóticas, embora a imagem da Índia que Delibes nos apresenta não corresponda mais à visão moderna: Albert Roussel, em "Padmavati", nos trouxe imagens onde a luminosidade é muito mais sugestiva e brilhante, construída sobre material autêntico.

"Lakmé" é obra de caráter indeterminado, com algo de ópera seria, de ópera comica e até de opereta. De há muito teria encerrado a sua existência, não fosse a insistência de alguns sopranos ligeiros, pelas oportunidades que oferece para o malabarismo vocal.

Em várias cenas há um orientalismo pouco sugestivo, como um sentimentalismo piegas e superficial. As vulgaridades são muitas e a ópera não se credencia mesmo pelos seus momentos principais: o coro dos hindus, a aria de Nilakantha, os duetos de Lakmé e Gerald, a aria "das campainhas", dum virtuosismo inconsequente.

Todavia, o estilo é elegante, distinto e até cativante, típico de Delibes, sucessor direto de Hérold e de Adolphe Adam, mas com mais imaginação e sabor orquestral, e dotado de facilidade de invenção melódica.

O espetáculo valeu a exumação da ópera, apresentada aqui, pela última vez, há 70 anos. Foi o melhor de quantos já realizados na presente temporada: evidente esmero de preparação da parte canora, como da coreografia e da representação; indumentaria vistosa e própria, de Dener; cenários dos 2 primeiros atos, típicos e sugestivos, de Francisco Giaucheri.

Os coros preparados por Marcello Mechetti deram convincente desempenho da sua parte dificilmente con-

trapontada, o que ficou evidente já no Hino do dia, quando eleva sua prece a Brahma. A orquestra deu desempenho cabal à sua parte ardua, atendendo com integral correspondência à direção categorica de Simon Blech que revelou grande proficiência no gênero operístico.

A parte coreográfica foi extremamente valorizada, tanto pela concepção do Franklin, como sobretudo pelo desempenho dos bailarinos, quer na dança das sacerdotisas, quer no Grande bailado, do 2º ato. De muito efeito os dois bailarinos doirados. Apenas não entendemos a razão da volta dos bailarinos, no final da ópera, no momento em que a protagonista expira. Preocupação espetacular, apenas.

Em suma, um espetáculo que evidenciou a viabilidade de poder-se organizar, com elementos locais, boas representações operísticas, desde que haja critério, bom senso, honestidade de propósito e dedicação. Não interferiu no resultado, o fato de a fidelidade e exata apresentação da peripecia nem sempre terem sido observadas, seja pela supressão de certas passagens, seja pela transmutação de ambiente, seja pela preocupação de produzir impacto na assistência.

Apenas para exemplificar, atente-se para a tentativa de assassinio de Gerald, o cenário do último ato, onde uma floresta foi substituída por um telão pintado, com eliminação da cena dos namorados; o final, diante da cortina cerrada, com a protagonista agonizante e os bailarinos dançando ao seu redor. O efeito pode ser eficaz, mas a obra foi vulnerada na sua autenticidade.

Nilza de Castro Tank foi uma magnífica Lakmé. Com sua voz clara, límpida, de bastante corpo, conduzida com segurança que não exclui um matizamento delicado, valorizou extraordinariamente o papel.